

A PERSPECTIVA DO AFETO EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO E SUA IMPORTÂNCIA NO PÓS-PANDEMIA

Carla Beatriz Diforene Vaz¹

Queli Dornelles²

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre a importância do amor e do afeto nos processos de ensino-aprendizagem no momento atual e na realidade pós-pandemia, considerando a utilização ativa dos recursos tecnológicos. Buscamos nos concentrar no pensamento crítico de enfrentamento aos reflexos causados pelo cenário da COVID-19³, considerando os prejuízos psicossociais, afetivos e econômicos causados pelo vírus e pelo distanciamento social. Ainda que estejamos em meio à pandemia e repletos de dúvidas e inseguranças, o momento atual é fundamental para identificar os deslocamentos nas estratégias de intervenção. A expectativa é que com o retorno das aulas, as escolas possam se deparar com novos desafios ainda mais complexos, nesse sentido, uma relação baseada no amor e no afeto se torna prerrogativa na busca por um trabalho ativo, interligando aluno, escola, família e comunidade em prol da construção e manutenção de uma sociedade livre e digna. Como síntese dos resultados da pesquisa destaca-se a incapacidade do Estado em oferecer o mínimo de condições básicas aos mais vulneráveis, com isso, aumentando o abismo da desigualdade social e fortalecendo a dimensão de luta por uma escola atuante com vistas ao poder que a educação exerce no futuro da nossa sociedade. A presente reflexão foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica, embasada nos estudos de Gadotti (1985), Freire (1996), Alves (2000), Gentili e Alencar (2007), Cunha (2012), Marinho (2020) e Silva (2021).

Palavras-chave: Pandemia; Afetividade; Educação; Tecnologia.

ABSTRACT

The present work aimed to reflect on the importance of love and affection in the teaching-learning processes in the current moment and in the post-pandemic reality, considering the active use of technological resources. We tried to focus on the critical thinking to face the reflexes caused by the COVID-19¹ scenario, considering the psychosocial, affective and economic damage caused by the virus and the social distancing. Although we are in the middle of the pandemic and full of doubts and insecurities, the current moment is fundamental to identify the displacements in the intervention strategies. The expectation is that with the return of classes, schools will face new and even more complex challenges, in this sense, a relationship based on love and affection becomes a prerogative in the search for an active work, interconnecting student, school, family, and community in favor of the construction and maintenance of a free and worthy society. As a synthesis of the research results, the State's incapacity to offer the minimum of basic conditions to the most vulnerable is highlighted, thus increasing the abyss of social inequality and strengthening the dimension of the fight for an active school with a view to the power that education exerts on the future of our society. This reflection was based on bibliographic research, based on the studies of Gadotti (1985), Freire (1996), Alves (2000), Gentili and Alencar (2007), Cunha (2012), Marinho (2020) and Silva (2021).

Keywords: Pandemic; Pandemic; Affectivity; Education; Technology.

¹ - Graduada em Letras – Português e Literaturas pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. Graduada em Serviço Social pela Anhanguera. Pós-graduanda em Gestão Escolar pela Uergs – Email: carla.b.vaz@hotmail.com

² - Professora Auxiliar de LIBRAS na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS/Bagé - Email: queli-dorneles@uergs.edu.br

³ - Doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. A maioria das pessoas (cerca de 80%) se recupera da doença sem precisar de tratamento hospitalar. Uma em cada seis pessoas infectadas por COVID-19 fica gravemente doente e desenvolve dificuldade de respirar (OMS, 2020).

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

1 INTRODUÇÃO

Pandemia, distanciamento social, uso de máscaras, tédio, medo, mudança na rotina, o coronavírus nos trouxe um cenário de filme de ficção científica, transformando nosso “normal” em um novo normal. O momento mundial nos jogou dentro de um enorme turbilhão, nos tirou do eixo, confundiu e continua confundindo nossas emoções e entre tantos prejuízos sociais, financeiros e emocionais estão nossas escolas, ambiente que para autores como Paulo Freire (2016, p.41) representa o lugar onde o “homem se transforma e se torna capaz de transformar seu contexto social”, lugar que representa a chance de mudança para nossa sociedade, lugar onde se misturam, se criam e recriam histórias de vida, perspectivas de vida, ambiente onde deve e precisa começar a inclusão, onde a busca por conhecimento fervilha, onde cabeças e corações pulsam num mesmo compasso, onde a razão e o conhecimento andam juntos com o amor e o afeto. A escola não é apenas um lugar de “cabeças pensantes”, mas sim um lugar de encontro e desenvolvimento humano.

António Nóvoa (2021, p.09), professor universitário português, doutor em Ciências da Educação, disse recentemente em uma webconferência: “A educação é um encontro humano”, sob um olhar que trata a importância e a essencialidade da manutenção de um vínculo entre escola e alunos.

Percebe-se o afeto dentro da escola como um grande elo de ligação entre professor e aluno, necessário para uma aprendizagem saudável e agradável. Este laço afetivo deve ser um conjunto de sentimentos que envolvem autoestima, amor, confiança e valores. Autores como Henri Wallon (1879-1962, p.27) defendem que o termo afetividade vem de afetar, nesse sentido, podemos ser afetados positivamente ou negativamente, daí a importância de uma relação amorosa nos relacionamentos educacionais.

Uma relação de afetividade e amorosidade no processo de aprendizagem é capaz de reconstruir vidas e possibilidades, oportunizando novos caminhos, mas como está e principalmente como ficará a nossa educação no futuro pós-pandemia? Essa pergunta gera medo e insegurança.

A situação atual fez com que os professores passassem a atuar mais como tutores e os alunos passaram a ser os responsáveis por seu próprio aprendizado, Silva (2004, p. 01) nos

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

fala que no EAD o aluno possui maior autonomia, flexibilidade de tempo e espaço, mas em consequência, ele depende de sua própria motivação, aprimorando habilidades de estudar sozinho de forma organizada e autônoma. Em contraponto o professor em sala de aula é quem conduz o ritmo, o conteúdo, já no ensino remoto, ele se torna aquele que acompanha os alunos, sanando dúvidas.

Ainda que o futuro nos encaminhe cada dia mais para o ensino tecnológico e o professor passe a ter um papel de tutor. Iranita Sá (1998), caracteriza a tutoria como um processo centrado no aluno, embora a contribuição do professor e do tutor seja a mesma: a aprendizagem. O uso da tecnologia causou estranheza e até mesmo desconforto para alunos e professores, afinal, nenhum de nós estava preparado para uma mudança tão radical e urgente.

Ainda que seja importante descrever os conceitos de ensino híbrido e ensino remoto que de acordo com o site Dted (2020), o primeiro possibilita a combinação entre o ensino presencial e as propostas de ensino online, nessa modalidade as aulas nem sempre acontecem ao vivo e podem ser utilizados diversos recursos, como áudios, vídeos e textos. Já no ensino remoto, professor e alunos participam da transmissão em tempo real, de forma virtual, acessado de diferentes locais.

Vale ressaltar que de acordo com as diretrizes aprovadas pelo CNE (Conselho Nacional de Educação) não fica claro que modalidade de ensino é a mais indicada, na verdade o texto disponível no site do MEC apenas apresenta sugestões sobre as práticas a serem seguidas pelas secretarias municipais e estaduais de educação. O documento além de regulamentar o calendário escolar de 2020, serviu para listar uma série de atividades possíveis de utilizar de forma não presencial, como por exemplo, “os meios digitais, videoaulas, plataformas virtuais, redes sociais, programas de televisão ou rádio, material didático impresso e entregue aos pais ou responsáveis (BRASIL,2020)”.

Já a Lei 14.040 de 18 de agosto de 2020 determina em caráter excepcional os critérios, baseados nas diretrizes do CNE, a serem adotados na educação básica. Em seu § 5º do Art. 2º determina que quando adotadas as atividades pedagógicas não presenciais como parte da carga horária anual, os sistemas de ensino deverão assegurar o acesso de alunos e professores aos meios necessários para a realização das atividades.

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

Sendo assim, nesse novo contexto de distanciamento social, se já acreditávamos na importância da afetividade, necessária para ensinar e aprender, agora as necessidades se multiplicaram e eis que surge nosso diferencial sobre a tecnologia. O conceito de presencialidade foi substituído pela virtualidade, mas não impede que sejamos atentos e sensíveis à relação de troca entre professor-aluno, ainda que de forma remota, professores atenciosos e envolvidos, que promovam a escuta do aluno, tendem a criar uma experiência de aprendizagem mais significativa.

É bem provável que após esse período o cenário mude muito, a tecnologia permaneça ainda mais latente nos processos de aprendizagem, cabendo ao professor mediar esse processo com afetividade, através de atividades interativas e participativas como chats, fóruns, registros individuais, entre outras, sempre buscando metodologias de interação e troca de conhecimentos.

Assim, utilizar o momento para refletir sobre estratégias e formas de produzir conhecimento com base no afeto neste momento e para o futuro, é não se acomodar frente aos novos desafios, acreditando que o ensino baseado no amor e no afeto, ainda que de forma tecnológica e remota, continuará sendo para o amanhã a maneira mais forte, agradável e significativa de ensinar.

A pesquisa justifica-se na crença de que estratégias baseadas na afetividade sejam as melhores opções para ultrapassar as dificuldades trazidas pela pandemia. O novo coronavírus expôs de maneira intensa a vulnerabilidade humana de forma coletiva, estimulando a empatia. De acordo com a psicóloga clínica e professora da Faculdade de Ciências Médicas, pós-graduada em filosofia, Maria Clara Jost (JOST, 2020), as relações de afetividade favorecem a solidariedade, ampliam a resistência dos indivíduos e provocam sensação de união para ultrapassar o momento crítico.

Esta pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre a importância do amor e do afeto nos processos de aprendizagem no momento atual e na realidade pós-pandemia.

Como objetivos específicos, busca:

- Descrever como estão ocorrendo e quais as perspectivas para o retorno das aulas presenciais, considerando, com base em pesquisa bibliográfica, os possíveis reflexos

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

comportamentais e psicológicos do pós-pandemia;

- Identificar através de pesquisa bibliográfica as principais consequências que o distanciamento social causou no processo de aprendizagem;
- Descrever a importância da amorosidade e da afetividade no processo de ensino aprendizagem a partir dos estudos de autores como: Alves (2000), Cunha (2012), Gentili e Alencar (2007), Marinho (2020), Silva (2021), Freire (1996) e Gadotti (1985);
- Refletir sobre o papel do orientador educacional na educação afetiva.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O processo ensino-aprendizagem e a pandemia

Com o mundo às avessas, a suspensão das aulas foi uma medida essencial para evitar que o vírus se propagasse, sabemos que esse fato atinge e prejudica milhões de alunos e professores em todo o mundo.

A busca por alternativas nos leva diretamente ao mundo tecnológico. E como resistir à tecnologia? Ela nos permitiu ir adiante, nos ofereceu ferramentas para que a escola continuasse fazendo seu papel. Não foi e ainda não está sendo fácil, afinal alunos e professores não estavam preparados para essa mudança de forma tão radical. Ainda que a educação venha nos últimos anos buscando cada vez mais se adequar e utilizar de forma eficaz as variadas tecnologias no cotidiano de aprendizagem de nossas escolas, não havia um planejamento para que o ensino remoto emergencial conseguisse atender a todos de modo efetivo.

O ensino remoto se tornou um aliado, já que não exige um local físico único e sim, permite que qualquer lugar se transforme em sala de aula, em contrapartida, o afastamento social não afeta apenas fisicamente, mas também emocionalmente, o afeto é fundamental para que a aprendizagem não seja um mero ato técnico. Para Marinho:

O ofício do professor é uma vocação, deve ser uma prática AFETIVA, e não uma mera atividade de formação profissional, a partir da materialidade de transmissão de conteúdos. Atualmente as discussões sobre educação (desde antes da pandemia) se

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

limitam a questões didáticas e não a questões éticas e AFETIVAS. Devemos recuperar esses princípios educativos (MARINHO, 2020).

As ferramentas virtuais são capazes de interligar alunos e professores, promover efetividade a partir das interações na transmissão dos conteúdos, mesmo não sendo capazes de substituir ou suprir a presença pessoal, o afeto necessário para uma aprendizagem humanizada se dá através das emoções que conseguimos construir em ambientes e relacionamentos saudáveis. De acordo com Bressan:

Um professor afetivo transforma a vida do aluno e também se auto transforma. O professor afetivo não é um professor amigo, que passa a mão na cabeça do aluno, é um professor que cobra, ensina, dá um direcionamento, mas estabelece confiança e cumplicidade com esse acadêmico, entra no contexto do aluno e o traz para perto de si. A afetividade possibilita um ensino mais forte, agradável e significativo. Ninguém gosta de ser ensinado à força. Os alunos não gostam de professores que os ignoram, é preciso ser um professor que cativa, que conquiste, que traga o aluno para si (BRESSAN, 2020).

Ainda antes da pandemia, as TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) já estavam presentes no cotidiano escolar, agora mais do que nunca, professores e alunos precisaram se adaptar aos inúmeros programas e aplicativos que se tornaram ferramentas em nosso dia a dia de estudos. A interatividade durante o trabalho remoto poderá permitir que alunos e professores encontrem formas de estabelecer aprendizagem colaborativa, a fim de que o professor aprenda a utilização de muitos destes recursos a partir do conhecimento e expertise do aluno.

Nesse sentido Freire (2016) que diz: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (2016, p.95). Afinal, o mundo atual e a nova realidade é que estão nos ensinando novas formas de aprender e ensinar.

A realidade é que muitas escolas de comunidades em situação de vulnerabilidade social não oferecem estrutura para que o ensino remoto emergencial funcione de maneira a atender a todos, já que um dos maiores empecilhos neste modelo de ensino é a exclusão digital.

De acordo com uma reportagem veiculada pelo Portal G1, 30% dos domicílios no Brasil não têm acesso à internet (2020, TENENTE), o documento apresentou uma série de dados estatísticos sobre a conectividade em tempos de pandemia, de acordo com a pesquisa,

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

além desse dado, que por si só já é preocupante, ainda temos uma gama de outros obstáculos relacionados ao ensino remoto.

Quem conhece ou trabalha com a realidade das escolas sabe que muitos alunos de escola pública dependem até mesmo da alimentação que a escola oferece, sob esse ponto de vista, como podemos esperar que esse mesmo aluno que vê a alimentação da escola como sua principal refeição diária, teria condições de adquirir um computador, tablet ou celular, ou que tenha acesso à internet e um espaço adequado para estudar?

A mídia constantemente mostra situações de crianças e jovens sem condições financeiras para acompanhar o ensino remoto, apresentados como casos excepcionais, o problema é que não se trata de exceções e sim representações de um enorme quantitativo.

As aulas online têm feito uma divisão clara de grupos: famílias em situação de vulnerabilidade social e que não têm acesso à tecnologia versus as famílias que têm acesso, mas que não incentivam ou participam das atividades escolares dos filhos e por último as famílias que passaram a participar ativamente no processo de aprendizagem. Essa proximidade da família com a escola é, e sempre foi imprescindível no processo, mas infelizmente nem sempre ocorre ou ocorria, já que a pandemia exigiu transformações profundas nessa relação.

Infelizmente o desrespeito às políticas públicas em educação e o grande número de excluídos sociais, acabaram por formar uma teia cada vez maior de “invisíveis” e a cada ano que passa essa geração de excluídos é vista como efeito colateral do capitalismo, percepção que de certa forma normatiza este abismo produzido. Gentili e Alencar falam do olhar normalizador onde a minoria torna-se maioria e deixa de ser percebida:

De certa forma, a normalização da exclusão começa a acontecer quando descobrimos que, no final das contas, em uma boa parte do mundo, há mais excluídos do que incluídos. Em matéria teórica, isto traz consigo uma série de inúmeros problemas analíticos. Nenhum conceito é bom quando é usado para definir tantas coisas ao mesmo tempo. “Excluídos” há e por todos os lados: pobres, desempregados, “inempregáveis”, sem-teto, mulheres, jovens, idosos, negros, pessoas com necessidades especiais, imigrantes, analfabetos, índios, moradores de rua... A soma das minorias acaba sendo a imensa maioria. E ser maioria tem seu custo: a transparência (GENTILI E ALENCAR, 2007:32).

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

Grande parte dessa maioria “invisível” está ou já esteve no interior das escolas, dependendo da atuação e da visão crítica de profissionais capacitados a ver e agir em defesa do acesso aos direitos básicos.

O ensino remoto resgata a necessidade de repensar e de forma urgente colocar em prática uma nova escola, um novo processo de ensino-aprendizagem e como reflexo, a COVID-19 traz o risco do aumento significativo da evasão escolar. Evasão que se dará principalmente nessa maioria invisível, que são também, em sua grande parte, os excluídos digitais. De acordo com Basílio:

As dificuldades encontradas por estudantes de diversas etapas da educação básica durante a pandemia têm sido motivo de alerta para especialistas e instituições ligadas à educação. Há um temor de que os estudantes não retornem às aulas por descontentamento ou pela necessidade de terem que compor o orçamento familiar, ainda mais afetado pela recessão econômica e perda de postos de trabalho durante a pandemia. Dados do IBGE apontam que pelo menos 3,1 milhões de pessoas perderam o emprego ao longo da pandemia (BASÍLIO, 2020:3).

São inúmeras as motivações para justificar o afastamento dos alunos em situação de vulnerabilidade social. Direta e indiretamente as maiores causas no presente tem base na falta de acesso aos recursos tecnológicos, o que inviabiliza o acompanhamento das aulas. Uma pesquisa da UNICEF (2021) traça o perfil do estudante evadido, segundo o estudo o aluno evadido “tem cor, endereço e renda”. Eles são em sua maioria pretos, pardos ou indígenas, de baixa renda, moradores das regiões norte e nordeste. Ítalo Dutra, chefe de educação da UNICEF Brasil, refere-se a pandemia como um retrocesso de 20 anos na educação brasileira.

E os reflexos vão muito além, estes dados mostram que esses mesmos jovens que estão abandonando a escola por falta de acesso ou por necessidade de sustento, no futuro serão os excluídos profissionalmente, o que ocasionará a manutenção, e conseqüente o aumento da pobreza, da falta de oportunidades e despreparo.

O ineditismo da pandemia atual impede a comparação com outros momentos da história, mas locais que viveram catástrofes e epidemias costumam sofrer posteriormente o aumento da evasão escolar (IDOETA, BBC NEWS 2020).

Aos poucos as escolas estão voltando a funcionar, alguns estados já permitiram o retorno de forma presencial, geralmente em forma de rodízio para tentar evitar aglomerações.

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

No caso do Rio Grande do Sul, depois de várias semanas em bandeira preta, nível considerado o mais crítico da pandemia, os decretos municipais e estaduais entraram em vigor com o retorno das escolas privadas e, aos poucos, as escolas públicas. O retorno das escolas na modalidade de ensino presencial vem sendo um dos pontos mais discutidos ao longo da pandemia e com toda a certeza essa discussão é muito válida, já que esse retorno precisa levar em consideração os riscos a que professores e alunos serão expostos, principalmente em locais sem infraestrutura adequada.

Além das questões estruturais é importante considerar que o distanciamento físico ainda precisa ser mantido e que, principalmente nos anos iniciais da educação básica o contato físico, o abraço, o beijo entre crianças e professores são formas claras de demonstrar afeto e amor, nesse sentido, a preocupação em manter a relação afetiva sem que se possa ter contato exige atenção e responsabilidade extremas.

Nesse sentido, o governo federal por meio da Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente em conjunto com o Ministério da Educação- Sndca (BRASIL, 2020) e o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos - MMFDH (BRASIL, 1997), criaram uma cartilha com orientações. O texto cita a empatia e a importância do acolhimento afetivo e emocional a todos os envolvidos, além disso traz algumas sugestões de brincadeiras e atividades lúdicas que visam a contação de histórias, acolhimento e escuta através de desenhos, sempre visando a socialização e o compartilhamento de experiências, de sentimentos e perspectivas, sempre com o intuito de fortalecer os vínculos afetivos e superar coletivamente as dificuldades.

O acolhimento neste momento não pode ser acompanhado do toque, de um abraço, mas podemos fazer bom uso da comunicação não verbal por meio de um olhar atento, uma escuta respeitosa, um tom de voz mais brando, um gesto afetuoso e, até mesmo, uma expressão fisionômica que pode ultrapassar o distanciamento e as máscaras (BRASIL, 2021:11)

Ainda que sejam feitas sugestões de atividades e modelos de comportamento, a cartilha de orientações ou até mesmo o documento aprovado pelo CNE (Conselho Nacional de Educação), não apresenta ações concretas de efetiva ação aos excluídos digitais, o máximo que é indicado é a responsabilização dos órgãos educacionais em ofertar possibilidades para

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

que todos tenham acesso ao direito de estudar. Infelizmente a situação é preocupante e pesquisas como a realizada pela Unicef apresentam dados alarmantes:

No ano passado, foram cerca de 5,5 milhões de crianças e adolescentes sem acesso à educação. A quantidade de alunos, com idades entre 6 e 17 anos, que abandonaram as instituições de ensino foi de 1,38 milhão, o que representa 3,8% dos estudantes. A taxa é superior à média nacional de 2019, quando ficou em 2%, segundo dados da Pnad Contínua. Somado a isso está a situação de 4,12 milhões de alunos (11,2%) que, apesar de matriculados e sem estar em período de férias, não receberam nenhuma atividade escolar, resultado do ensino pautado pelas aulas online. [...] o perfil das crianças e adolescentes mais impactados pelo “fracasso escolar” já é bastante conhecido: “se concentram nas regiões Norte e Nordeste, são muitas vezes negras e indígenas ou estudantes com deficiências” (FORSTER, CNN Brasil, 2021).

Os desafios enfrentados por famílias e professores no apoio ao ensino remoto, serão ainda maiores no retorno pós-pandemia, a escola é um ambiente de interação social, assim, escolas e professores precisarão se reinventar, se remodelar para atender as novas tendências já que a tecnologia centrou-se mais do que nunca, tornando-se a principal ferramenta de aprendizagem. Esse retorno, repleto de adaptações, será o momento onde a união e o apoio entre família e escola determinarão a qualidade do ensino. Excluir os recursos tecnológicos da sala de aula não será tolerado pelos milhões de alunos que estiveram ao longo deste período estabelecendo contato com a aprendizagem em sua maioria, a partir destes recursos.

Além das dificuldades dos alunos, os próprios professores encontraram dificuldades na prática do ensino remoto, grande parte estava acostumada a usar a tecnologia apenas em sua vida pessoal, não estando preparados para fazer vídeos e ministrar aulas online. Segundo o CGI BR (Conselho Gestor de Internet no Brasil) (2020, p.02), “De acordo com a pesquisa TIC Educação 2018, apenas 42% dos docentes, quando estavam na universidade, fizeram alguma atividade relacionada ao uso da internet na educação”. Ainda que nos últimos anos as TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) estejam sendo cada vez mais incorporadas às práticas docentes dos professores, não podemos tratá-las apenas como suporte para despertar o interesse dos alunos, mas sim como instrumentos na construção do conhecimento com e sobre o uso das TDICs (BRASIL, 2018). A BNCC em sua competência geral de número cinco, diz:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018:09)

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU: ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO

Podemos considerar que no período pré-pandemia a escola não adentrava diretamente a casa das famílias, com a interrupção das atividades presenciais, o processo de ensino-aprendizagem começou a acontecer dentro das residências e utilizando-se de novos atores. Claramente as famílias não estavam preparadas, na verdade, nem as escolas e nem os professores estavam prontos. Foram necessárias inúmeras adequações e o ideal é que daqui para a frente, possamos aprimorar cada vez mais essas relações, corrigindo falhas e buscando por melhorias.

2.2 A importância do amor e do afeto no processo de aprendizagem

Somos seres sociais e uma das maiores carências percebidas durante o isolamento social é o contato físico, sentimos falta do abraço, do contato olho no olho, sentimos falta das “aglomerações” de familiares e amigos, enfim, sentimos falta de encontrar as pessoas, de nos reunir, sentimos falta de afeto. Esse afeto é fundamental em nosso contexto social. O afeto caracterizado pelo sentimento de carinho, que para a psicologia é a capacidade do ser humano de experimentar tendências, emoções e sentimentos, é através do afeto que revelamos nossos sentimentos e construímos laços de convivência. De acordo com Gadotti:

Amor e amizade tem, pois, um valor educativo muito grande. Deles depende, muitas vezes, o êxito ou o fracasso escolar. O aluno se esforça por atrair a atenção do mestre e conquistar sua amizade. O mestre, por sua vez, tenta justificar a seus próprios olhos a sua vocação. Fundamentalmente, ensinar é uma vocação de amizade (GADOTTI, 1985:93).

Todos os registros feitos pelo nosso cérebro são caracterizados por impulsos elétricos e isso serve principalmente para nossos afetos e desafetos. Se pararmos para pensar, nós somos aquilo que vivenciamos, aquilo que experimentamos e aquilo que guardamos em nossa memória.

Sandra Sobral (2019), psicóloga especialista em neurociência na primeira infância, diz que a criança que não receber afeto e estímulos nos primeiros anos de vida, apresentará menos conexões neurológicas e seu cérebro será diferente para o resto da vida. Sob esse enfoque é possível afirmar que o amor e o carinho são aliados no processo de aprendizagem ao longo de nossas vidas.

Silva afirma que:

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU: ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO

Amar não quer dizer ser subserviente aos nossos filhos e alunos, não é ser permissivo demais, não é ser aquele que, facilmente, é passado para trás e sim ser e ter a autoridade na medida certa. Encontrar meios pelos quais nossos filhos e alunos possam escolher e entender cada caminho a ser seguido, é ser companheiro e entender todos os desafios que qualquer criança pode ter. Amar é estar do lado e ter essa troca de experiências (SILVA, 2021).

A afetividade no ambiente escolar contribui com o processo ensino-aprendizagem, potencializando as capacidades do aluno, estreitando as relações de confiança. Quando a relação de aluno e professor é afetiva, constrói-se um elo de segurança e autoconfiança, isso favorece a absorção dos conhecimentos. Freire refere-se a construção do conhecimento quando cita:

Sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar com minha ajuda, com vistas a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo de que falo (FREIRE, 1996:45).

Diversas pesquisas têm concluído que a aprendizagem e a afetividade estão intimamente ligadas, por este motivo cabe à escola, professores e gestores, buscar por atividades e atitudes que fortaleçam o vínculo afetivo. Relações de amor e afeto durante a aprendizagem formam adultos seguros, mais independentes, éticos, felizes e capazes de conviver com maior harmonia e autonomia com a sociedade em geral.

O professor que ensina com base no afeto, que sente amor, faz com que as atividades se tornem mais atrativas, mais envolventes. O aluno que sente esse afeto tem interesse em frequentar as aulas e se torna mais participativo.

Paulo Freire já falava em sua obra sobre a importância de sentir afeto e principalmente sobre saber expressá-lo:

Esta abertura de querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano (FREIRE, 2007:141).

Precisamos ter consciência de que a afetividade contribui para que o processo ensino-aprendizagem seja bem sucedido, já que é coerente afirmar que a cognição e a afetividade caminham juntas, são indissociáveis. Segundo Cunha:

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

O desenvolvimento cognitivo não é estanque, mas estará sujeito aos estímulos dos processos de aprendizagem, principalmente pela mediação afetiva. É relevante a instrução pedagógica em um ambiente propício, saudável e de interação com o aluno, pois aprendemos melhor quando amamos (CUNHA, 2012:36).

Podemos ir além e considerar a importância do vínculo, que de acordo com a teoria do psicanalista argentino Enrique Pichon-Rivière (1998), será um dos fatores determinantes no processo de desenvolvimento cognitivo e emocional, afinal, desde a vida intrauterina, a qualidade das relações estabelecidas a princípio entre mãe e filho e posteriormente no seio familiar, no ambiente escolar, profissional e social, serão determinantes no modo de agir e pensar de cada um de nós. Dessa relação, virão as condutas, o caráter e o comportamento dos indivíduos, daí a importância da construção e manutenção de vínculos saudáveis tanto no sentido família e escola, quanto na relação família em família.

A verdade é que para lidar com seres humanos precisamos ser sensíveis às suas emoções, precisamos ser pacientes e compreensíveis. Precisamos ter a capacidade de lidar com as diferenças, com os imprevistos e com as diferentes formas de pensar e agir. Independente da idade ou da classe social, quando estamos com problemas ou fragilizados emocionalmente, nossa capacidade de concentração e aprendizagem está prejudicada.

Freire (1996) diz que é necessário que o professor aprenda com o olhar de cada aluno, além da necessidade de estar atento ao seu olhar perante o mesmo, esse ponto de vista em tempos de COVID-19 toma um enfoque virtual, o olhar afetivo que ocorria pessoalmente foi substituído pelas telas, o mais importante é que esse contato não perca espaço e as demonstrações de afetividade sejam adequadas ao momento vivido. A tecnologia permite que demonstrações de carinho ocorram através de vídeos, através de mensagens, que a proximidade afetiva tão necessária no processo de ensino-aprendizagem possa ainda ocorrer, seja através das redes sociais ou dos aplicativos de mensagem. O fundamental é que, o professor sempre de uma forma ou outra afetará o aluno, Paulo Freire ainda faz a seguinte citação:

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996:73)

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU: ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO

A expectativa é que, com pandemia ou não, o professor seja o sujeito amoroso, que afete seus alunos de forma positiva, que deixe sua marca como motivação e incentivo para a construção de indivíduos afetivamente empáticos e amorosos com seu semelhante.

O problema em questão é que alcançar a partir da afetividade os alunos que têm acesso às tecnologias é razoavelmente fácil, mas e os excluídos? E aqueles alunos que infelizmente estão evadindo das escolas por falta de acesso ou tantos outros problemas que rodeiam sua vida diária? Como é possível perceber o olhar do aluno que não é visto nem sequer virtualmente? A verdade é que a questão social, principalmente, deixa professores e profissionais em educação como um todo, de mãos atadas, buscando alternativas capazes de alcançar o maior número possível de alunos, o que coloca muitas vezes estes sujeitos em situação de risco, representadas pela produção de material impresso produzido pelos professores e entregue a alunos e seus familiares no interior das escolas. Diversos municípios baniram esta prática do trabalho do professor por reconhecer o risco de aumento da contaminação a partir da manipulação destes materiais.

Tarefas lúdicas gravadas, brincadeiras e atividades previamente definidas, devolutivas para à família que visem alegrar e principalmente incentivar o desenvolvimento das atividades, são maneiras que estão ao alcance dos professores na tentativa de manter o aluno na escola mesmo sem aulas presenciais. É fundamental lembrar que o professor seja visto como um motivador e a escola, como um ambiente de futuro, de desenvolvimento pessoal e familiar, tanto no momento atual como no pós-pandemia.

2.3 O papel do orientador educacional na aprendizagem afetiva

A escola é um ambiente de complexidade diária, as diferenças se cruzam, as realidades se encontram, é na escola que os problemas sociais, a violência e os conflitos econômicos ganham face. A maioria dos conflitos que acontecem no ambiente escolar são reflexos dos problemas sociais, peculiaridades como essas mostram a importância do trabalho do orientador educacional. Este profissional que fundamenta sua atuação na observação crítica e na busca por soluções para conflitos diários, precisa estruturar sua base profissional em

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

conhecimento sólido, mas acima de tudo nas habilidades de relacionamento interpessoal, buscando conhecer o aluno e principalmente sua realidade social e econômica.

De acordo com Cunha:

Em qualquer das situações, o aprendente será sempre um ser individual, humano, com sua estrutura pessoal exposta pelas suas dificuldades de aprendizagem. Um ser, sobre o qual, o olhar do professor deverá atentar prioritariamente para suas necessidades (CUNHA, 2012:105).

Esse olhar deve ultrapassar as paredes da sala de aula e vir da atividade do orientador. Sob esse ponto de vista, precisamos posicionar a equipe gestora e principalmente o orientador como peça fundamental dentro da escola e do próprio processo ensino-aprendizagem. Esse profissional tem a possibilidade e até mesmo a responsabilidade de observar comportamentos, mas acima de tudo, é capaz de pensar e planejar atividades de interação entre família, escola e comunidade, visando sempre uma relação de respeito, construída com afeto e confiança.

O orientador educacional deve procurar se envolver com a comunidade, resgatando sua realidade socioeconômica e cultural como meio de contribuir para a adequação curricular, tendo em vista a transformação da escola e da sociedade. A organização da escola deve contemplar, através de seu próprio espaço físico, os interesses e necessidades da comunidade, fazendo que ela seja participante do projeto político-pedagógico que deseja desenvolver. A Orientação deve trabalhar com um planejamento participativo, sempre voltado para uma concepção crítica. Um diálogo entre as comunidades das disciplinas teóricas e das disciplinas práticas permitirá a busca dessa concepção crítica (GRINSPUN, 2001:109).

Considerando que a escola e seus profissionais são formadores de cidadãos, o orientador precisa trabalhar como um mediador que auxilia no verdadeiro papel da escola, o de ensinar e não o de educar, buscando pelo desenvolvimento integral dos alunos. Assim, orientação escolar corrobora com ações planejadas que integrem alunos, professores, direção, currículo e comunidade a fim de promover, de forma afetiva e humanizada, o desenvolvimento físico, cognitivo, intelectual e moral do aluno.

Em tempos de ensino remoto emergencial, o papel do profissional se tornou ainda mais importante, mas também ainda mais complexo de ser realizado já que o distanciamento social impede o contato interpessoal, sendo assim, o orientador precisa desenvolver estratégias de se aproximar das famílias e da comunidade escolar.

É importante que através das possibilidades tecnológicas e de comunicação, o profissional desenvolva pesquisas para identificar como essas famílias estão vivendo na

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

prática esse momento tão crítico, assim como busque elaborar conteúdos informativos de saúde, direitos sociais, e principalmente formas adequadas e eficazes de alcançar ao máximo os mais vulneráveis socialmente, observando suas necessidades e o contexto em que estão inseridos.

Certamente a escola não deseja que os papéis se confundam: família continua sendo família, professor continua sendo professor. O papel da família é teoricamente o de formar o indivíduo, é no seio familiar que nascemos e permanecemos ao longo de toda a vida, diferente da escola que é uma instituição de posição transitória e passageira na vida dos indivíduos (TIBA, 1996:111). Mas, para que o novo formato de ensino ocorresse foi preciso que acima de tudo, houvesse empatia por parte de todos. Podemos considerar que este período tem pontos negativos e pontos positivos: evasão, retrocesso no aprendizado dos alunos que não tem o devido acesso aos meios tecnológicos, mas também vamos considerar o envolvimento e a humanização que está interligando família-escola.

Houve, sem sombra de dúvida, uma comunicação mais transparente entre escola, orientação, pais e alunos. Agora a expectativa é que esse processo se adapte ao retorno das aulas presenciais e se torne rotineiro. Amaro (2017) fala da importância desse contato:

O envolvimento das famílias na escola e com a escola revela-se uma forma de aprofundar a sociedade democrática, rejeitando a visão determinista e passiva de educação, transformando-a em um espaço eficientemente participativo em que se partilham problemas e constroem colaborativamente soluções.

Nessa direção, todos têm papéis específicos a ocupar e a cumprir. Aos professores cumpre operar mudanças no modo como interagem com os alunos e com a realidade dos alunos, bem como persistentemente buscar novas e mais criativas metodologias para ensinar e, mais que isso, educar (AMARO, 2017, p.118).

Os laços que foram ressignificados ao longo da pandemia precisam ser cultivados, inclusive quando se refere ao uso de recursos tecnológicos. A verdade é que daqui pra frente e com o retorno das atividades presenciais, precisamos aprender com o que deu errado, corrigindo e procurando soluções criativas, mas também amadurecendo e aprimorando aquilo que deu certo.

O retorno precisará mais do que nunca da união para dar certo, não teremos todas as respostas e o resultado da COVID-19 em nossa sociedade talvez leve anos para ser totalmente compreendido, nesse sentido, aproveitar o momento para construir um diálogo afetivo,

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

levando em consideração as diferenças sociais e culturais, permitirá encontrar ferramentas adequadas para um relacionamento de confiança que estreite laços. Essa aproximação tende a favorecer o processo de ensino-aprendizagem, permitindo o reconhecimento das fragilidades e principalmente das necessidades de cada aluno.

O papel orientador, da escola e dos professores será fundamental para que o retorno aconteça da forma mais proveitosa e tranquila possível, precisamos estar prontos, através de equipes multidisciplinares e com olhar atento e afetivo para trabalhar na melhoria dos aspectos emocionais e cognitivos dos alunos, assim como desenvolver projetos que incorporem e estimulem a família na busca pelo crescimento integral de todos os seus sujeitos.

2.4 A educação é a oportunidade do mundo no pós-pandemia

No momento atual nem sempre as pessoas param para ouvir ou prestar atenção no momento que o outro está passando. A falta de diálogo entre famílias e na sociedade em geral ampliou o afastamento promovido pela pandemia, que além de causar um aumento no número de desempregados e um crescimento ainda maior no índice da pobreza, dificulta a interação entre familiares e comunidade.

A escola precisa recuperar o diálogo, o respeito e principalmente o afeto e a empatia. A escola é o lugar onde é possível resgatar o amor e a alegria, a esperança no futuro. É o local onde a inclusão deve começar e onde é possível articular a sociedade do amanhã.

Rubem Alves nos leva a pensar sobre o papel da escola quando diz:

Os técnicos em educação desenvolveram métodos de avaliar a aprendizagem e, baseados em seus resultados, classificam os alunos. Mas ninguém jamais pensou em avaliar a alegria dos estudantes – mesmo porque não há métodos objetivos para tal. Porque a alegria é uma condição interior, uma experiência de riqueza e liberdade de pensamentos e sentimentos. A educação, fascinada pelo conhecimento do mundo, esqueceu-se de que sua vocação é despertar o potencial único que jaz adormecido em cada estudante: a alegria (ALVES, 2000:19).

O que nos diferencia das máquinas são nossas emoções, nosso afeto, nosso poder de nos relacionar. Um professor afetivo não é aquele que passa a mão na cabeça, mas sim aquele

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

que cobra, que incentiva e direciona. Ensinar com afetividade é estabelecer confiança, é construir uma relação de cumplicidade.

O processo de ensino-aprendizagem tecnológico ultrapassa as paredes da escola e transforma o mundo em uma enorme sala de aula, onde as possibilidades de conhecimento são contínuas. Nesse sentido, o momento pós-pandemia mais do que nunca, transforma a educação na grande oportunidade para o mundo. Um mundo mais humano, mais solidário, afetivo e amoroso.

O futuro nos guarda um novo normal, logicamente depois da pandemia não seremos mais os mesmos, teremos mudado comportamentos e também sentimentos e modos de ver a vida. A crise da saúde pública está sendo definida por pesquisadores como um novo início capaz de provocar mudanças, é o caso de Pete Lunn, chefe da unidade de pesquisa comportamental da Trinity College Dublin, que diz: “Uma crise como essa pode mudar valores” (MELO, 2020). Pesquisadores como ele, comparam a atual pandemia com as guerras e seus momentos posteriores, repletos de mudanças, sejam econômicas, de crenças e valores, culturais e educacionais.

Certamente, o pós-COVID-19 nos deixará marcas culturais, históricas e emocionais, que irão permear diálogos impregnados pelo espírito dessa época de tormento e mudança, novas relações terão sido criadas e grande parte de nós terá percebido ou reconhecido a importância e principalmente a efemeridade da vida.

Sendo assim, a escola precisa aproveitar, canalizando esses sentimentos na construção de indivíduos humanizados, politizados e confiantes no poder da ciência e da educação no futuro de uma sociedade melhor.

3 METODOLOGIA

O estudo foi possível graças a uma metodologia de pesquisa bibliográfica de materiais já publicados e agrupados como base teórica para a construção do novo texto. Optamos pelo método conceitual-analítico, visto que nos baseamos em bibliografias de autores com ideias e conceitos semelhantes ao objeto de estudo. Amaral (2007) diz que a pesquisa bibliográfica

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

constitui etapa fundamental para todo trabalho científico, tendo como etapas o levantamento, a seleção, o fechamento e o arquivamento de informações relacionadas à pesquisa.

A escolha pelo método nos permitiu espaço para reflexão sobre o tema, já que de acordo com Santos (2002), o método analítico (análise) permite compreender a decomposição do todo em suas partes, levando em consideração a relevância do assunto e sua importância de ordem prática e teórica.

Sabemos que muitas são as razões que nos levam à execução de uma pesquisa, especificamente em nosso caso, a pesquisa surgiu do desejo de conhecer e refletir um pouco mais sobre a importância do afeto no processo de ensino-aprendizagem no ensino remoto e principalmente no momento pós-pandemia, enfatizando a importância do orientador escolar na relação escola e família, para tal reflexão, relembramos Gil (2008) que diz que a pesquisa científica enquanto atividade intelectual, visa responder às necessidades humanas, nossos interesses e curiosidades.

O estudo deste trabalho foi fundamentado em ideias e pressupostos de teóricos e pesquisadores que apresentam significativa importância na definição e construção dos conceitos discutidos nesta análise, como: Gadotti (1985), Freire (1996), Alves (2000), Gentili e Alencar (2007), Cunha (2012), Marinho (2020) e Silva (2021). Para tal, os objetos foram estudados em fontes secundárias como trabalhos acadêmicos, artigos, livros e afins, que foram aqui selecionados.

A pesquisa tem caráter essencialmente qualitativo, de natureza aplicada e com objetivo exploratório, com ênfase na observação e no levantamento de pesquisa bibliográfica.

Vale considerar que os conceitos de afetividade no processo de aprendizagem descritos na pesquisa não apresentam previsões irreversíveis, já que as possibilidades de interpretação e análise sobre o tema, principalmente se tratando do período atual e no pós-pandemia, permitirão mudanças na realidade vislumbrada no estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe em nossa história atual registro de tamanha crise sanitária como a causada pelo coronavírus, o mundo literalmente parou. A partir de agora, a probabilidade de novas

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

pandemias não será descartada e nossa rotina dificilmente voltará a ser como era.

O reflexo da pandemia será sentido por anos e anos. A queda da economia, a evasão escolar, o desemprego e a perda de milhares de vidas para o vírus transformou nossa realidade e principalmente nossa forma de sentir e agir.

Em meio a esse turbilhão de problemas e sofrimento, a educação pode e deve ser considerada a esperança da nossa sociedade, só ela é capaz de potencializar sentimentos e modificar condutas, além de ser a única expectativa para uma melhora na qualidade de vida e também para a manutenção e aprimoramento das políticas públicas sociais e de saúde. É através da educação, da extensão e da pesquisa que desenvolvemos meios de acesso ao conhecimento e sobrevivência. Foi e está sendo graças à educação que a ciência vem se desenvolvendo e criando meios para ultrapassar da melhor forma possível momentos críticos como a pandemia atual.

O que podemos ter certeza é que esse retorno precisa ser detalhadamente planejado, evitar aglomerações, horários diferentes para intervalos, rodízio de alunos, adequações nos horários de entrada e saída das turmas, são ações que podem contribuir no controle da transmissão do vírus nas escolas. Além disso, é fundamental que o Estado se comprometa em elaborar planos de recuperação de estudos e normas sanitárias, as escolas precisam seguir à risca uma série de novos hábitos que por um tempo que não sabemos qual, fará parte do nosso cotidiano.

Um aspecto que merece atenção e preparo imediato refere-se a um planejamento de recuperação de estudos, tendo em vista as lacunas que os professores e profissionais da educação irão encontrar nas salas de aula do país a fim de evitar o atraso na aprendizagem com que muitos alunos irão ter que lutar.

O que já podemos prever é a resistência às normas por parte dos alunos, a impulsividade dos jovens, a dificuldade do uso da máscara e de manter o distanciamento para os pequenos. Agora, para que a rotina escolar seja retomada, é fundamental que a família, mais do que nunca, passe a se envolver e acompanhar o comportamento dos filhos no ambiente escolar, o suporte para que o momento seja superado de forma adequada depende de uma interligação entre escola e família, de acordo com as diretrizes sugeridas pelo CNE (2020), as famílias, principalmente na educação infantil e nos anos iniciais, deverão seguir

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

roteiros estruturados pelas redes de ensino para que acompanhem a resolução das atividades de aprendizagem, é como se os integrantes familiares atuassem como mediadores entre a escola e aluno.

Sabemos que todos nós estamos no momento de um novo e contínuo aprendizado, onde o mais importante é saber lidar com a saúde emocional, tanto nossa, como de nossos familiares, mas principalmente de crianças e jovens que muitas vezes vivem em condições vulneráveis e até mesmo insalubres e que viram seus problemas aumentarem com a chegada da COVID-19.

Item importante também é problematizar a urgência quanto à necessidade de garantia de condições básicas de uma vida digna, considerando o acesso à saúde, alimentação, educação, segurança, trabalho e moradia. Com a pandemia, itens mínimos de qualidade de vida foram ainda mais negligenciados pela população.

Dums e Silva (2020) em seu artigo referem-se ao quanto é insustentável viver em uma sociedade onde a prioridade não é a produção de bens e serviços para a vida, mas sim um sistema que preza pela simples produção e acumulação de poucos.

A pandemia e o cenário por ela criado vieram para intensificar a luta pela educação de qualidade e pela defesa dos direitos humanos, buscando sempre a manutenção e o acesso a todos.

Ainda que esta pesquisa permaneça em aberto já que o futuro ainda nos fará sentir na pele as consequências da COVID-19, deixamos a possibilidade que o fim da pandemia confirme ou refute nossas possibilidades e o que foi escrito aqui, nos mostrando resultados positivos ou na pior das hipóteses, desafios ainda maiores. O que importa ao final é a importância da escola e da educação na luta para minimizar as diferenças e a exclusão.

Por fim, precisamos reafirmar do quão importante é a escola para a construção da nossa sociedade, ela é um dos mais importantes equipamentos sociais, é através dela que conhecemos a realidade social e principalmente através dela que somos capazes de mudar a sociedade, a educação é a chave para o fim das desigualdades, para o fim do preconceito social, racial, de sexo. A escola é a reprodução das classes sociais, é onde temos alcance para transmitir valores sociais e morais aos sujeitos. É na escola que desenvolvemos nosso senso crítico, que conhecemos nosso papel político e social, é lá que se criam perspectivas e

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

esperanças de dias melhores, de futuro. Nesse sentido, um processo ensino-aprendizagem consolidado no afeto e na amorosidade se torna estímulo para uma sociedade interativa, inclusiva, consciente, com sujeitos responsáveis pela construção de sua própria história.

Uma educação sustentada na afetividade contribui no enfrentamento das questões sociais, no sentido de proporcionar novas reflexões, novas visões de vida e comunidade, criando um olhar crítico baseado na integralidade, na coletividade, na humanidade e igualdade, legitimando o real sentido do saber, do conhecer, baseado no respeito, na autonomia e na cidadania.

A pandemia veio para nos mostrar que a perspectiva de “Estado Protetor” se esvai perante a incapacidade de arcar com condições dignas de saúde, de abrigo e alimentação; se esvai quando nossas políticas sociais não são suficientes para atender aos mais vulneráveis, se esvai quando o número de excluídos aumenta e quando governantes expõem pensamentos preconceituosos e ainda mais excludentes.

A crise caótica, sanitária, social e política em que nos encontramos vêm mostrar ainda de forma mais clara a importância do papel da educação afetiva, baseada na crença de valores humanitários, visando sempre o respeito ao outro e a igualdade.

Que o contexto da pandemia sirva para reforçar o quanto o entendimento das emoções pode significar o sucesso em um processo de aprendizagem, criando laços, fortalecendo vínculos e principalmente levando os alunos a sentirem desejo em buscar pelo conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 10ª ed. São Paulo: Papirus, 2000.

AMARO, Sarita. et al. **Serviço Social na escola: o encontro da realidade com a educação**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1997b.

AMARAL, J.J.F. Como fazer uma pesquisa bibliográfica. 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/49535-Como-fazer-uma-pesquisa-bibliografica.html>. Acesso em: 19 jun. 2021.

BASÍLIO, Ana Luiza. **Por que a pandemia pode contribuir com a evasão escolar?** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/por-que-a-pandemia-pode-contribuir-com-a-evasao-escolar/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

BRASIL, Ministério da Educação. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia.** 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia>. Acesso em: 02 jun. 2021.

_____. **BNCC - Base Nacional Comum Curricular.** Disponível: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf. Acesso: 02 jun. 2021.

_____. **Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no contexto escolar: possibilidades.** Acesso em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>. Acesso em: 03 jun. 2021.

_____. **LEI Nº 14.040, de 18 de agosto de 2020.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14040.htm. Acesso em: 02 jun. 2021.

_____. **Guia de Orientações Acolher Vidas para Fortalecer Emoções e Criar Estratégias Pós-Pandemia - COVID-19.** Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/novembro/Guia_de_Orientacoes_.pdf. Acesso em: 04 jun. 2021.

BRESSAN, Mario Abel. **A oportunidade do mundo pós-pandemia está na educação.** Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/a-oportunidade-do-mundo-pos-pandemia-esta-na-educacao>. Acesso em: 10 mai. 2021.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e Aprendizagem: Relação de amorosidade e saber na prática pedagógica** - 3ª ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2012.

DUMS, Matheus. SILVA, Silmara Carneiro e. **Que Estado é esse? Desafios para o Serviço Social no contexto da pandemia da COVID-19.** Anais do V SERPINF e III SENPINF. Disponível: [://editora.pucrs.br/edipucrs/acesolivre/anais/serpinf-senpinf/assets/edicoes/2020/arquivos/84.pdf](http://editora.pucrs.br/edipucrs/acesolivre/anais/serpinf-senpinf/assets/edicoes/2020/arquivos/84.pdf). Acesso em: 08 mai. 2021.

FORSTER, Paula. **Pandemia aumenta evasão escolar, diz relatório do Unicef.** CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/01/28/pandemia-aumenta-evasao-escolar-diz-relatorio-do-unicef>. Acesso em: 07 mai. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 62ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Comunicação docente.** 3ª edição. São Paulo: Loyola, 1985

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto.** – 7. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social - 6 ed.** São Paulo: Atlas, 2008.

GRISPUN, Mírian P. S. Zippin. **A Orientação Educacional: Conflito de paradigmas e alternativas para a escola.** São Paulo: Cortez, 2001.

IDOETA, Paula Adamo. **Pandemia deve intensificar abandono de escola entre alunos mais pobre.** BBC News Brasil, 2020. Disponível em:
<https://www.bbc.c/om/portuguese/brasil-53476057>. Acesso em: 07 mai. 2021.

JOST, Maria Clara. **Ações de solidariedade trazem esperança e preservam bons sentimentos durante a pandemia.** Disponível em:
<https://tummi.org/acoes-de-solidariedade-trazem-esperanca-e-preservam-bons-sentimentos-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 24 mai. 2021

MARINHO, Camila Holanda. **Memórias de quarentena 13: educação e afetividade em tempos de pandemia.** ADUFC Sindicato, 2020. Disponível em:
<http://adufc.org.br/2020/05/13/memorias-de-quarentena-13-educacao-e-afetividade-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

MELO, Clayton. Jornal El País. **Como o coronavírus vai mudar nossas vidas: dez tendências para o mundo pós-pandemia.** 13 de abril de 2020. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/opinia/2020-04-13/como-o-coronavirus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html>. Acesso em: 02 jun. 2021.

NÓVOA, Antônio. **A Pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação.** Revista Com Censo #22. Vol. 7. Nº 3. Agosto, 2020.

OMS. **Publicações oficiais Organização Mundial da Saúde.** Disponível em:
<https://www.who.int/portuguese/publications/pt/> . Acesso em: 25 mai. 2021.

PICHÓN-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do Vínculo.** 6ª edição. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.

PONTES, Walber. **Dted: O que é o Ensino Híbrido e no que difere do Ensino Remoto.** Disponível em: <http://eadparavc.dted.ufma.br/?p=3863>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SÁ, Iranita. **Tutor x Professor.** Portal Educação. Disponível em:
<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/tutor-x-professor/21919>. Acesso em: 24 mai. 2021.

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU:
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO**

SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

sem autor: **TIC Educação 2018: cresce interesse dos professores sobre o uso das tecnologias em atividades-educacionais**. Disponível em: <https://cetic.br/noticia/tic-educacao-2018-cresce-interesse-dos-professores-sobre-o-uso-das-tecnologias-em-atividades-educacionais/>. Acesso em: 02 jun. 2021.

sem autor: **O que é o ensino híbrido e no que difere do ensino remoto**. Dted - Diretoria de tecnologias na educação. Disponível em: <http://eadparavc.dted.ufma.br/?p=3863#:~:text=O%20ensino%20h%C3%ADbrido%2C%20o%20blended,op%C3%A7%C3%A3o%20para%20as%20atividades%20educativas.&text=J%C3%A1%20no%20ensino%20remoto%20a,real%20em%20plataformas%20de%20streaming>. Acesso em: 24 mai. 2021.

SILVA, Lincoln Gabriel da. **Sentir-se amado e a aprendizagem**. Disponível em: <https://diariodecaratinga.com.br/sentir-se-amado-e-a-aprendizagem/>. Acesso em: 14 mai. 2021.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro da. **Educação a distância e o seu grande desafio: o aluno como sujeito da sua própria aprendizagem**. FABAC, 2004. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/012-TC-A2.htm> Acesso em: 25 mai. 2021.

SOBRAL, Sandra. **Os efeitos neurológicos da institucionalização e a importância da primeira infância**. Anais III Seminário Internacional Acolhimento Familiar. Campinas, 2019. Disponível em: https://www.feac.org.br/wp-content/uploads/2020/12/III_Seminario_Acolhimento_Familiar_final-4.pdf. Acesso em: 10 mai. 2021.

TENENTE, Luiza. **30% dos domicílios no Brasil não têm acesso à internet; veja números que mostram dificuldades no ensino à distância**. Portal G1 Educação, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/26/66percent-dos-brasileiros-de-9-a-17-anos-nao-acessam-a-internet-em-casa-veja-numeros-que-mostram-dificuldades-no-ensino-a-distancia.ghtml> . Acesso em: 10 mai. 2021.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 1ª edição. São Paulo: Editora Gente, 1996.

UNICEF Brasil. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/> . Acesso em: 02 jun. 2021.

WALLON, Henri. / **Hélène Gratiot-Alfandéry**; tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.